

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	ES	01	02	14	F40	01
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Espírito Santo
LOCALIDADE	Sul
MUNICÍPIO / UF	Cachoeiro do Itapemirim / ES

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Caxambu da Velha Rita
OUTRAS DENOMINAÇÕES	-
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	Niecina Ferreira de Paula Silva	☐ MASCULINO ☒ FEMININO
OCUPAÇÃO	Dona de casa	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO 02/04/1955
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____	

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.**4. FOTOS**OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

ES	01	02	14	F40	01
----	----	----	----	-----	----



Necina Ferreira, Dona Isolina, Caxambu da Velha Rita, Cachoeiro do Itapemirim - ES.
Foto: Guilherme Reis, 06/04/2014.



Apresentação do Caxambu da Velha Rita, Cachoeiro do Itapemirim - ES.
Foto: Guilherme Reis, 03/05/2014.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 01****Apresentação do Caxambu da Velha Rita, Cachoeiro do Itapemirim - ES.**

Foto: Guilherme Reis, 03/05/2014.

**Apresentação do Caxambu da Velha Rita: percussão do tambor e mão levada ao instrumento para iniciar o canto, Cachoeiro do Itapemirim - ES.**

Foto: Guilherme Reis, 03/05/2014.

**5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

O Jongo é uma forma de expressão musical e coreográfica, registrada como patrimônio imaterial brasileiro em 2007. No Sul do Estado do Espírito Santo a forma de expressão é comumente chamada de Caxambu, com exceção de algumas localidades, como Anchieta, em que os grupos a denominam como Jongo. O Caxambu da Velha Rita é um grupo urbano, sediado no bairro Morro do Zumbi, Cachoeiro do Itapemirim. O grupo tem como líder Dona Isolina, que também exerce a função de mãe de santo da umbanda no Centro Espírita Menino Jesus, localizado em imóvel contíguo à sua residência. Trata-se de um grupo que reúne, em média, 10 componentes, sem uma formação fixa. De acordo com as oportunidades de apresentação do Caxambu da Velha Rita, Dona Rita mobiliza algumas senhoras que participam de sua casa de oração, e que gostam de dançar o Caxambu, para fazerem as rodas. Junto à Dona Isolina, executam o Caxambu dois de seus filhos, que se dividem no toque do único tambor usado para a dança. Ela prefere dizer que o Caxambu não precisa de grupo constituído para ser executado. Basta que as pessoas que tenham gosto pela forma de expressão façam uma roda, realizando a dança, o toque do tambor e a canto. O Caxambu da Velha Rita

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 01**

não se mistura aos rituais do terreiro de Dona Isolina. Ela faz questão de delimitar bem as cerimônias que acontecem no centro e os momentos em que fazem as rodas de Caxambu. As rodas, contudo, quando são organizadas em sua casa, ocorrem no mesmo imóvel do centro de umbanda, porém, no piso de cima, onde ela oferece aulas de pintura em tecido e artesanato em cerâmica como atividade voluntária no bairro. O Caxambu da Velha Rita faz suas rodas, normalmente, no dia 12 de outubro, quando acontece uma festa em devoção a Nossa Senhora Aparecida, padroeira da casa de oração, bem como no dia 13 de maio, quando Dona Isolina oferece uma feijoada, há mais de 30 anos, para comemorar a libertação dos escravos. Além disso, quando são convidados, apresentam-se em festejos religiosos e eventos culturais do município, como o Arraiá da Liberdade, na comunidade rural de Vargem Alegre, onde está sediado o Caxambu Alegria de Viver.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

O lugar do Caxambu da Velha Rita pode ser entendido como a residência da líder do grupo, Dona Isolina, que também atua como mãe de santo no centro de umbanda localizado no mesmo imóvel. Trata-se de um terreno em que existem dois conjuntos de edificações, um ao lado do outro. Ao adentrar-se o local, a edificação da esquerda abriga a residência de Dona Isolina, no primeiro pavimento, e a residência de dois filhos dela, nos dois pisos superiores. À direita, encontra-se outra edificação em que, no primeiro piso, está o Centro Espírita Menino Jesus, no segundo piso Dona Isolina realiza por aulas de artesanato (pintura e cerâmica) e recebe os visitantes nos festejos que oferece, como em 12 de outubro e 13 de maio. Por fim, o terceiro pavimento abriga o cruzeiro do centro de umbanda e também pode receber festividades, caso necessário, constituindo-se de um terraço. Contudo, o Caxambu não requer espaço definido para sua execução, bastante um local amplo, aberto ou fechado, em que a roda possa ser organizada.

Sobre Cachoeiro do Itapemirim, o município abriga três grupos de Caxambu, o da Velha Rita, o Alegria de Viver (comunidade Vargem Alegre) e o Santa Cruz (em Monte Alegre). Os grupos, normalmente, encontram-se em festejos para os quais são convidados e dançam uns com os outros. A exploração das terras que hoje formam o município data de 1812, quando Francisco Alberto Rubim, donatário das terras capixabas, deu início ao povoamento da localidade, afastando os índios Puris que viviam naquela região e realizou incursões exploradoras em 1820 e 1825, quando foram doadas meia légua de terras na área ao Tenente Luiz José Moreira para construir postos de policiamento. Desses quartéis formaram-se os primeiros núcleos populacionais. Com a expansão da produção cafeeira de Minas Gerais e Rio de Janeiro para o Espírito Santo, desenvolveram-se grandes fazendas nas margens do Rio Itapemirim. O local em que o centro da cidade está implantado foi, no passado, a fazenda de Joaquim Marcelino da Silva Lima, o Barão de Itapemirim.

De acordo com Dias (2014), o bairro Morro do Zumbi surgiu na década de 1960, no auge da migração das áreas rurais para o centro urbano, fenômeno observado em várias cidades do país. Atualmente, Zumbi é o bairro mais populoso da cidade, abrigando uma população de, aproximadamente, 10 mil habitantes. Nessa área urbana existe intensa prática de religiões de matriz africana, tendo sido registrado em determinado momento, segundo Dias (2014), quase 200 terreiros de umbanda e candomblé. Contudo, nos dias atuais, com a entrada de variadas religiões evangélicas, sobretudo neopentecostais, antigos praticantes de religiões africanas migraram para outras crenças e muitos terreiros foram fechados. Os que resistem mantêm-se, em grande medida, sob certo sigilo, devido à discriminação historicamente sofrida pelos seguidores dessas religiões. Sobre a situação social da população do bairro, Bonadinam (2012, p.13), em estudo antropológico sobre aspectos culturais desse bairro, narra que:

A situação de marginalidade e difícil acesso a cidadania chega ao desrespeito à dignidade das pessoas, fazendo valer, ainda nos dias de hoje, um tipo de relação baseada na intolerância e preconceito racial. A associação direta da negritude a violência, uma herança colonial, tem um peso enorme nas representações da população do sul espírito-santense em relação ao Zumbi, peso que pode ser sentido nas declarações dos moradores sobre as ações policiais no bairro. De acordo com alguns jovens foliões, no Zumbi é normal “tomar dura”.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

No bairro Morro do Zumbi não existem marcos naturais ou edificados referenciais para a comunidade. A cidade de Cachoeiro do Itapemirim tem no Rio Itapemirim um importante elemento de sua identidade e da própria história local, visto que foi devido aos cachoeiros no curso d'água que a cidade, antes Vila do Itapemirim, recebeu a denominação de Cachoeiro do Itapemirim. No caso específico do Caxambu da Velha Rita, um marco edificado é a própria residência de

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 01**

Dona Isolina e local de funcionamento do Centro Espírita Menino Jesus, na Rua Lourival da Silva, 49, no Morro do Zumbi.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

O Caxambu não requer agenciamento complexo dos espaços para sua recriação. Basta que os componentes posicionem-se em local plano, com tambor marcando o local de formação da roda. No Caxambu da Velha Rita o tambor é disposto em pé com o executante da percussão realizando o toque nessa posição. Os demais formam um círculo voltando-se para o tambor e realizando a dança. Quando alguém deseja iniciar um canto, coloca a mão no tambor, interrompendo seu toque e proferindo o verso "Aê, Aê", dando início a uma nova toada que é repetida em coro por todos. A dança é realizada em pares, no centro da roda, com as pessoas indo ao centro, dançando, puxando outra pessoa para dançar e tomando seu lugar na roda.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

Não existe época específica para execução da forma de expressão, mas, segundo Dona Isolina, em respeito à Paixão de Cristo, o grupo não realiza o Caxambu na quaresma.

7.2. Ocorrência efetiva desde 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA

Niecina Ferreira de Paula Silva, conhecida como Dona Isolina, nasceu em 02 de abril de 1955, no distrito de Itaici, município de Muniz Freire/ES. Deixou sua terra natal aos cinco anos, mudando-se com sua família para Anutiba, município de Alegre/ES, onde residia sua avó, de nome Rita, que dançava o Caxambu. O pai de Dona Isolina também gostava da dança e juntava-se à mãe nas rodas à luz da lua, assim como também dançavam a Catira. Da família materna, lembra-se de que sua avó, Cândida Pinto de Lima, era praticante da umbanda, religião que passou para sua mãe, da qual Dona Isolina herdou a casa de oração.

O Caxambu realizado por Dona Isolina recebeu essa denominação em homenagem à sua avó, a Velha Rita. Trata-se de uma prática familiar realizada em momentos festivos, como no dia 13 de maio na feijoada da libertação dos escravos ali realizada há 36 anos, tradição também herdada de sua avó que oferecia o prato em Anutiba, nessa mesma data. Nesse dia, segundo Dona Isolina, o Caxambu era dançado no festejo de sua avó. Já casada, mudou-se com sua família e com a mãe para o Morro do Zumbi, em 1975, após o falecimento do pai. Ao chegar, tiveram um pouco de receio em darem continuidade às práticas religiosas e aos hábitos da família, como o Caxambu. Mas conversaram e decidiram instalar a casa de oração e realizar a feijoada. Como relatou Dona Isolina:

Depois que eu cheguei aqui... nós fazia lá na roça essa feijoada que a gente faz aqui e nesse dia dançava o Caxambu. Aí nós mudamos pra aqui e ficamos um pouco acanhado, porque Cachoeiro é a terra do orgulho. É um povo orgulhoso. E aqui nós faz os nossos trabalhos na casa de oração [...] em Cachoeiro fala que [...] todos os centros espíritas é casa de macumba. Em Cachoeiro fala assim. Aí nós chegamo aqui, eu e mamãe, e ficamo assim sem jeito. Quando foi um belo dia em falei assim: Mãe, larga de ser boba. Vão fazer nosso feijão e dançar nosso Caxambu, nós gosta. Nós não tamo dançando na casa dos outros, nem no meio da rua. Nós dança aqui no nosso quintal e ninguém tem nada com a vida da gente não. Ela falou: É mesmo, né? Mas depois eles vão rir da gente. Deixa rir a vontade. Feliz quem ri. Aí nós começamo, eu e ela.

Nesse mesmo ano de 1975, Dona Isolina teve seu primeiro filho. Segundo ela, quando o menino nasceu, fizeram uma grande festa de Caxambu, com a presença de parentes da roça que vieram conhecer a criança. Ela contou que tem um irmão que dança muito o Caxambu e que nessa festa ele organizou uma grande roda, dançando até o amanhecer.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 01**

Como na época existiam poucas casas no bairro, não se preocuparam com o barulho incomodando os vizinhos, como ocorre hoje em dia, com os festejos não podendo mais estenderem-se noite adentro.

Aqui tinha cinco barracos, nesse pedacinho aqui. Do lado de lá tinha mais uns três. Porque aqui era pasto. O que andava muito aqui era animal. E nós dançamos até de manhã cedo e daí foi espalhando. Todo ano a gente dançava. A gente não dança agora todo ano mais não. Se nós [a família] ajunta tudo e vão passar um dia junto aqui, e sempre alguém vem pra cá e gosta de ficar aqui porque diz que aqui é a casa do silêncio.... e nós roda e bate tambor e nós dança. É bom pra nós, nós gosta.

A mãe Dona Isolina era rezadeira e possuía um orador no seu quarto, mas manifestava interesse em construir um lugar próprio para fazer as orações e receber as pessoas que a procuravam. Contudo, sua mãe faleceu no ano de 1979, antes de construírem o espaço que tanto desejava para suas fazer benzições. A partir de um dinheiro que Dona Isolina ganhou no jogo do bicho, na década de 1980, quando trabalhava na capela mortuária do cemitério local, ela iniciou a obra da casa de oração, realizando o sonho de sua mãe. A partir daí as atividades religiosas do centro não pararam mais.

Durante a quaresma o Caxambu da Velha Rita não é executado como atitude de respeito à Paixão de Cristo, bem como as imagens do terreiro de umbanda de Dona Isolina permanecem cobertas com tecidos roxos. Mas, no dia 13 de maio os tambores soam e eles dançam e agradecem a Nossa Senhora de Fátima, que também é celebrada nesse dia. Dona Isolina, no excerto adiante, reconheceu a existência de versos cifrados no canto do Caxambu, que servem para comunicar sem que o segredo seja revelado a todos os presentes, retomando a mito de fundação da forma de expressão como diversão, mas também como meio de comunicação entre os escravos. Mas, além disso, ela contou que é possível amarrar uma pessoa na roda de Caxambu e que essa prática mística é bastante simples para quem conhece os segredos da forma de expressão e é iniciado em atividades espirituais.

O jongo¹ no Caxambu mostra muita coisa pra gente. Também ensina muita coisa. E ajuda em muito ser na vida da gente. [...] O Caxambu tem um segredo. Eu preciso falar e você me entende. Nós duas dança o Caxambu. Então você entende do jongo e eu vou cantar pra você. Eu quero te avisar uma coisa, mas eu não posso gritar, porque só você pode saber. Eu vou lá, paro o tambor, dou o grito no jongo, falo com você e você sabe que eu tô falando com você. E todo mundo tá ali dançando com você e ninguém sabe. Só você que sabe o que eu tô falando. E o Caxambu é um segredo, porque os negros, antigamente, quando tinha de um negro fugir pra ir na mata buscar com os índios algum remédio que eles precisava na senzala, lá na roda do Caxambu é que eles cantava e avisava se o capitão tava em algum lugar por ali, eles avisavam que não podia sair naquela hora não. Porque o capitão tava vigiando. [...] A gente dentro dele a gente entende, quem tá por fora fica assim, né! Mas a gente entende dele. É bom, eu gosto. [...].²

A época de ocorrência do Caxambu, segundo Dona Isolina, é demarcada de acordo com os festejos comemorados por sua família, como explicou no trecho adiante, falando, novamente, que os feitos mágicos nas rodas de Caxambu ficaram no passado, mas sem afastar a existência de componentes espirituais na forma de expressão:

Nós não homenageamos ou fazemos homenagem a nada fora do dia, nem depois. Nem antes, nem depois não. Se acontece na segunda-feira o 13 de maio é segunda-feira essa feijoadada. 12 de outubro já é feriado mesmo, né? Então a gente faz nesse dia [o Caxambu]. [...] A gente gosta. É uma dança boa e a música dele também é boa. Distrai a gente. Faz a gente bem. A gente se sente bem. É só por isso, não é por mais nada não. [...] Diversão, é uma diversão. [...] A música do Caxambu é ponto, se eu quero saber notícia alguém, se eu quero encontrar alguém, eu quero ajudar alguém em algum sentido, é só eu levar o pensamento dentro da roda do Caxambu e buscar que eu vejo. Então ajuda a gente. [...].

A forma de expressão foi transmitida por Dona Isolina para seus filhos, que também atuam no centro espírita. Atualmente ela disse que sente-se cansada para ficar saindo com o grupo, mas ainda aceita alguns convites para participar de festejos ou eventos culturais do município. Importante ressaltar que não existe um momento específico em que Dona Isolina situou a fundação do grupo, enfatizando que o Caxambu sempre esteve dentro de sua família e acabou recebendo o nome de Caxambu da Velha Rita.

¹ Optou-se por grafar a palavra jongo em minúscula para designar o canto do Caxambu. A grafia com maiúscula indica tratar-se da forma de expressão.

² A narrativa de Dona Isolina está registrada em V-Jongo_Entrevista-Dona Isolina_Reis, Guilherme_Cachoeiro do Itapemirim-ES_06-04-2014_20m55s

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 01****9. ATIVIDADE****9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

Dona Isolina ressaltou que o Caxambu é uma manifestação cultural originada no passado, na época da escravidão, e que servia para os negros se comunicarem usando os versos cifrados para que os senhores não entendessem o que eles combinavam nas rodas, como as fugas. Os motivos para a realização das rodas em sua família, segundo ela, sempre foi a diversão. Sobre transformações, ela diz que no passado usavam um tambor de madeira retirada da mata, mas que, devido a lei que proibiu a extração da matéria prima, atualmente utilizam um tambor industrializado, o mesmo que usam para as atividades do centro espírita.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

O Caxambu foi representado em sua fala como tradição familiar, herdada de seus antepassados que gostavam de fazer as rodas como divertimento na roça em que moravam. A forma de expressão foi representada como brincadeira que servia para transmitir segredos entre os escravos, por meio da comunicação cifrada entre eles. No presente, ela diz que essa comunicação cifrada ainda persiste. Que aqueles que entendem do Caxambu conseguem interpretar os versos, compreendendo seus significados e respondendo com versos também codificados.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1955	Nascimento de Dona Isolina.
1960	Mudança para as terras da avó em Anutiba, município de Alegre/ES, onde conheceu o Caxambu.
1975	Falecimento de seu pai e mudança da família para Cachoeiro do Itapemirim.
Década de 1980	Fundação da casa de oração da umbanda Centro Espírito Menino Jesus.
2010	Dona Isolina recebe o prêmio estadual Armojo do Folclore Capixaba.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

O produto do Caxambu Santa Cruz trata-se das rodas que são os momentos de recriação da forma de expressão. Como dito, o Caxambu é dançado pela família e amigas de Dona Isolina nas festividades que realiza em sua casa e centro espírita, em 13 de maio e 12 de outubro, bem como em festividades religiosas e culturais para as quais recebe convites, mobilizando, assim, algumas pessoas para acompanhá-la nessas apresentações. As músicas que executam são parte do repertório tradicional do Jongo e Caxambu, sendo transmitidas de forma oral. Contudo, Dona Isolina também compõem alguns versos de improviso nas rodas. Segue música entoada por Dona Isolina em uma roda de Caxambu, esse verso foi identificado apenas nesse Caxambu.

Se eu soubesse que ocê vinha
Eu mandava te buscar
Mandava balão de ouro, ai meu Deus do céu
Para o sol não te queimar
Lê lê lê lê
Mandava balão de ouro, ai meu Deus do céu
Para o sol não te queimar

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 01**

Se eu soubesse que ocê vinha
Eu mandava te buscar
Mandava balão de ouro, ai meu Deus do céu
Para o sol não te queimar.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Rodas de Caxambu	Acontecem espontaneamente na casa de Dona Isolina, em momentos festivos, ou atendendo à convites para apresentações públicas.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Dona Isolina	Mãe de santo na casa de oração umbandista Centro Espírita Menino Jesus. Mestre do Caxambu.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	Aquisição das vestimentas.
QUEM PROVÊ	Dona Isolina.
FUNÇÃO	Uniformizar e identificar os dançantes em apresentações públicas.
DESCRIÇÃO	Transporte apresentações.
QUEM PROVÊ	Para as apresentações, os responsáveis pelos festejos disponibilizam ônibus, muitas vezes com ajuda da Prefeitura Municipal ou da Associação de Folclore de Cachoeiro, para transportar os dançantes no Caxambu da Velha Rita.
FUNÇÃO	Participação em festividades.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Sem referência.
QUEM PROVÊ	-
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Não existem comidas e bebidas próprias à forma de expressão.
QUEM PROVÊ	-

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 01**

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-
-----------------------------	---

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	Tambor.
QUEM PROVÊ	Pertence a casa de oração Menino Jesus.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O tambor é o único objeto musical usado para executar a música no Caxambu da Velha Rita.

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Saias rodadas floridas para as mulheres e camisas padronizadas para todos que vão realizar a dança no Caxambu da Velha Rita.
QUEM PROVÊ	As saias foram confeccionadas por Dona Isolina, com tecido que ela mesma adquiriu. As camisetas usadas pelas pessoas que dançam o Caxambu da Velha Rita foram doadas pela Secult-ES.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A vestimenta padronizada diferencia o grupo dos demais e marca sua identidade visual. As saias rodadas são agitadas na dança.

10.9. DANÇAS

DESCRIÇÃO	Movimentos individuais em roda.
QUEM EXECUTA	Mulheres e homens.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A dança é livre, sendo executada por quem desejar entrar na roda, com as mulheres sempre agitando as saias em movimentos de rotação.

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	As músicas entoadas pelo grupo caracterizam-se como cantos responsoriais, com a execução dos versos e sua repetição em coro pelos demais. Para dar início a um canto a pessoa deve levar a mão ao tambor para suspender a música executada naquele momento. Deve-se dizer os versos "Aê, Aê" e daí iniciar a nova toada.
QUEM PROVÊ	Os versos entoados fazem parte do repertório tradicional do Jongo e foram transmitidos de forma oral, com exceção das músicas compostas por Dona Isolina e dos versos tirados de improviso nas rodas por ela, por seus filhos ou por outras pessoas que possuem essa habilidade.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As músicas narram aspectos do passado da escravidão, do cotidiano da vida rural, das devoções populares, bem como podem conter mensagens cifradas.

10.11. INSTRUMENTOS MÚSICAIS

DESCRIÇÃO	Tambor industrializado.
QUEM PROVÊ	Centro Espírita Menino Jesus.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	ES	01	02	14	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O tambor produz a sonoridade na execução da forma de expressão.
---------------------------------	---

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Dona Isolina	Guarda das vestimentas e do tambor.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

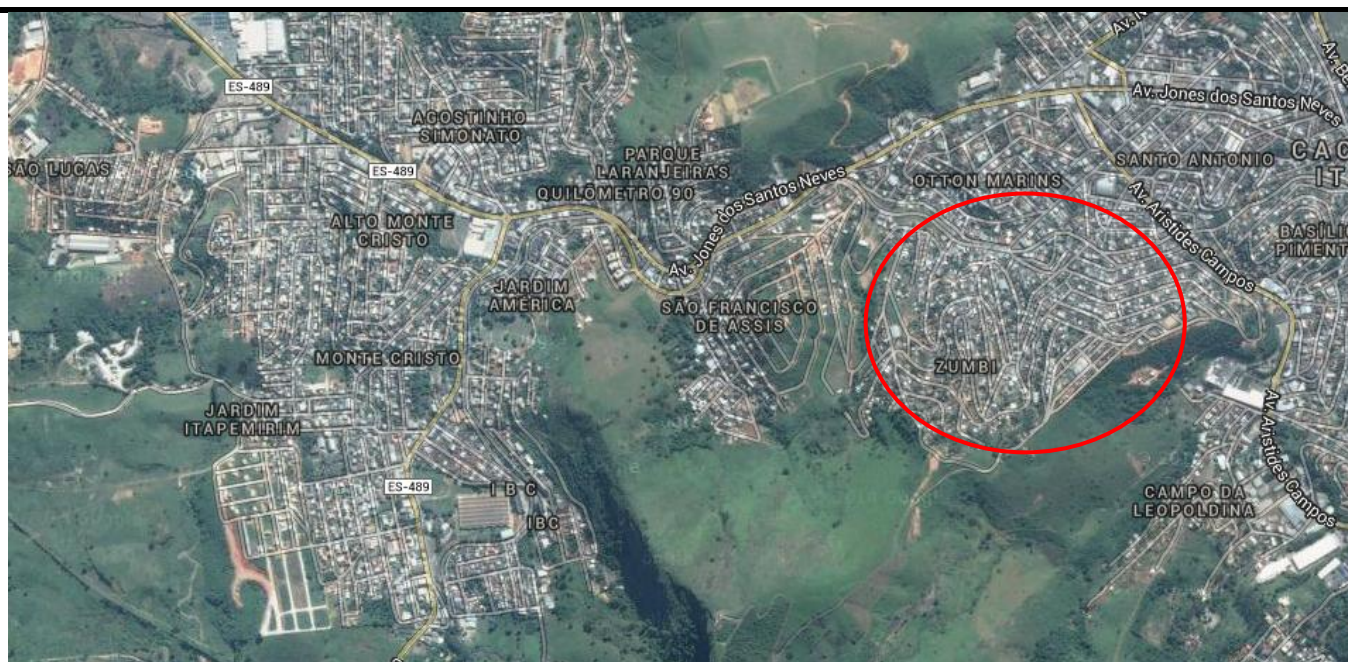
PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☒	ESPECIFICAR	Apresentação cultural.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Associação de Folclore de Cachoeiro.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Centro Espírita Menino Jesus	Cachoeiro do Itapemirim - Anexo 3 - ES 01 02 14 F1 A3

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 02 14 F40 01****14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS**

Recorte de imagem de satélite da área urbana de Cachoeira do Itapemirim, com indicação do Morro do Zumbi.

Fonte: Google Maps, 2014.

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Sem referência.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

V-Jongo Entrevista-Dona Isolina Reis, Guilherme Cachoeiro do Itapemirim-ES_06-04-2014_20m55s

V-Jongo Recriação-Caxambu da Velha Rita Reis, Guilherme Cachoeiro do Itapemirim-ES_02-05-2014_20m40s

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

F-Jongo_Caxambu da Velha Rita _ Mestre Dona Isolina_ Reis, Guilherme_Vargem Alegre_Cachoeiro do Itapemirim_ES_06-04-2014

F-Jongo_Caxambu da Velha Rita [2] Reis, Guilherme_Vargem Alegre_Cachoeiro do Itapemirim_ES_03-05-2014

F-Jongo_Caxambu da Velha Rita [3] Reis, Guilherme_Vargem Alegre_Cachoeiro do Itapemirim_ES_03-05-2014

F-Jongo_Caxambu da Velha Rita_Reis, Guilherme_Vargem Alegre_Cachoeiro do Itapemirim_ES_03-05-2014

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU**

TOMBAMENTO

Bem registrado em 2007 pelo IPHAN.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	ES	01	02	14	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Sem referência.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Sem referência.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q40		
PESQUISADOR(ES)	Bianca Pataro Dutra, Guilherme Reis, Raul Lanari, Mariana Gonçalves Moreira		
SUPERVISOR	Mariana Gonçalves Moreira, Bianca Pataro Dutra		
REDATOR	Bianca Pataro Dutra		20/09/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Ana Carolina Vaz Mariana Gonçalves Moreira		